

# Principal causa de morte de mulheres de 15 a 19 anos são complicações na gravidez

A principal causa de morte de adolescentes do sexo feminino entre 15 e 19 anos são complicações na gravidez, como hemorragia, sepse (infecção generalizada), parto obstruído e complicações decorrentes de abortos inseguros. Os dados são de [relatório](#) sobre a saúde dos jovens publicado nesta terça-feira (16) pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

[\(Huffpost Brasil, 16/05/2017 - Acesse o site de origem\)](#)

Já entre meninas de 10 a 14 anos, a principal causa de morte são infecções das vias respiratórias, como pneumonia, muitas vezes resultado da poluição por cozinhar com combustíveis sujos.

Nas duas faixas etárias, tais doenças foram responsáveis por 36,6 mil mortes. Suicídio e mortes acidentais por auto-agressão ficam em segundo lugar, com 32,4 mil registros. Em seguida, doenças diarréicas (32,2 mil), complicações devido ao parto (28,8 mil) e acidentes automobilísticos (26,7 mil).



*Complicações na gravidez são principal causa de morte de adolescentes entre 15 e 19 anos, aponta OMS./NACHO DOCE / REUTERS*

Elas são parte dos **1,2 milhões de mortes de adolescentes evitáveis por ano**. O número equivale a três mil mortes por dia.

Os dados são de 2015. De acordo com a OMS, naquele ano, mais de dois terços dos óbitos foram registrados em países com renda média e baixa na África e no Sudeste Asiático.

A maior parte das mortes poderia ter sido evitada com bons serviços de saúde, educação e assistência social. A OMS destaca que muitos adolescentes que sofrem com doenças mentais, uso de drogas ou má nutrição não têm acesso a serviços de prevenção e assistência.

*Os adolescentes estão totalmente ausentes dos planos nacionais de saúde há décadas (...) Investimentos relativamente pequenos voltados para os adolescentes agora vão resultar não só em adultos saudáveis e capacitados que prosperam e contribuem positivamente para suas comunidades, mas também em gerações futuras saudáveis, produzindo retornos enormes. Flavia Bustreo, Diretora-Geral Assistente da OMS*

A organização ressalta ainda que muitos comportamentos com impactos na saúde, como falta de atividade física, dieta desequilibrada e comportamentos de risco nas atividades sexuais começam nessa fase da vida.

## **Meninos**

Entre os adolescentes do sexo masculino de 10 a 19 anos, os acidentes de carro são a principal causa de morte (88,6 mil), seguidos por violência interpessoal (42,2 mil), afogamento (40,8 mil), doenças respiratórias (36 mil) e suicídios e mortes acidentais por auto-agressão (34,6 mil).

De acordo com o relatório, “as necessidades de saúde dos adolescentes intensificam-se em contextos humanitários e frágeis”. É o caso de jovens que assumem responsabilidades como cuidar dos irmãos e trabalhar, o que pode levá-los a interromper os estudos, casar cedo e se envolver com prostituição.

“Como resultado, sofrem desnutrição, lesões não intencionais, gravidez, doenças diarréicas, violência sexual, doenças sexualmente transmissíveis e

problemas de saúde mental”, alerta a OMS.

A maior parte dos jovens mortos em acidentes em estradas são pedestres, ciclistas e motociclistas. No caso de mortes provocadas por auto-agressão, os índices mais preocupantes são nos países europeus e no sudeste asiático. Os registros são maiores em adolescentes mais velhos.

O documento recomenda intervenções como promover programas de educação sexual integral nas escolas, limitar a idade máxima para consumo de álcool, tornar lei a utilização do cinto de segurança e capacete na via pública, reduzir a poluição no interior da residência, melhorar o acesso à água e incentivar a boa higiene pessoal.

“Melhorar o sistema de saúde que afeta adolescentes é um primeiro passo para melhorar sua saúde. Os pais, parentes e comunidades também têm o potencial para influenciar de forma positiva no comportamento e na saúde do menor”, afirmou o diretor do departamento de infância da OMS, Anthony Costello.

---

## **Prática de retirar camisinha sem consentimento no sexo gera debate sobre violência sexual**

Foi pouco antes do fim da relação sexual que a advogada carioca Priscila (nome fictício) percebeu que seu parceiro havia removido o preservativo sem avisá-la.

O casal havia se conhecido semanas antes e concordado em fazer sexo protegido.

[\(BBC Brasil, 01/05/2017 - Acesse o site de origem\)](#)

“Fiz um escândalo e minha reação inicial foi dar parte dele na delegacia. Além de irritada, fiquei muito triste com a desonestidade. Ele se justificou dizendo que ficou com medo de perder a ereção”, conta ela à BBC Brasil.

Segundo a advogada, as semanas seguintes foram “tensas”, à espera do resultado de exames médicos do parceiro.

“Como se tratava de um parceiro casual, fiquei com medo de contrair alguma doença. Felizmente, nada aconteceu. Eu o perdoei e depois fiquei muito chateada comigo mesma porque encarei a situação como ‘normal’. Acabei tendo de levar isso para terapia”, acrescenta.

De tão frequentes, casos como o de Priscila tornaram-se objeto de pesquisa nos Estados Unidos e ganharam até um termo próprio em inglês - “*stealth*” (de “stealth” ou “furtivo”), quando um dos parceiros remove o preservativo durante a relação sexual sem o consentimento do outro.

Um estudo recente publicado no periódico *Columbia Journal of Gender and Law*, que trata de questões legais relativas a gênero, revelou que se trata de um “problema crescente” no país, e com maior incidência em casais heterossexuais.



*Stealth* é o termo em inglês que descreve quando um dos parceiros remove o preservativo durante a relação sexual sem o consentimento do

*outro/ GETTY IMAGES*

“Entrevistas com vítimas indicam que a prática é comum entre jovens sexualmente ativos”, diz a autora da pesquisa, Alexandra Brodsky, no estudo.

“É terrível escrever sobre uma forma de violência de gênero pouco reconhecida e ouvir um coro de mulheres dizendo que passou por situações desse tipo”, acrescenta ela.

Brodsky diz ainda que “além do medo de resultados negativos específicos como gravidez e DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis), todas as vítimas consideraram a remoção do preservativo sem seu consentimento como uma violação humilhante e desempoderadora do acordo sexual”.



*Advogada britânica Sandra Paul considera stealthing estupro*

## **Violência sexual**

O assunto chegou a levantar questionamentos sobre se a prática poderia ser considerada um crime sexual e, em última instância, estupro.

No estudo realizado por Brodsky, uma das vítimas descreveu o *stealthing* como um “quase estupro”.

Outra chamou de “flagrante violação do que tínhamos concordado”.

Alexandra Brodsky acredita ser necessária criação de legislação específica que coíba a prática e à qual as vítimas do “*stealthing*” possam recorrer.

Em fóruns online nos Estados Unidos, homens incentivam uns aos outros a cometer a prática sob a justificativa de que seria direito deles “espalhar seus genes”, acrescenta a pesquisa.

Para a advogada britânica Sandra Paul, especialista em crimes sexuais do escritório de advocacia Kingsley Napley, sediado no Reino Unido, quem faz o *stealthing* estaria “potencialmente cometendo um estupro”.

Mas, de acordo com a lei brasileira, a prática não poderia ser considerada estupro, afirmaram especialistas ouvidos pela BBC Brasil.

Isso porque, segundo o artigo 213 do Código Penal, estupro consiste em “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”.

“Não existe essa previsão de ‘furtividade’ na nossa lei”, explica o defensor público Saulo Brum Leal Júnior, da Assessoria Subdefensoria Institucional da Defensoria Pública do Rio Grande do Sul. “Para que um crime seja enquadrado como estupro, é preciso que o ato sexual tenha ocorrido mediante grave ameaça ou violência.”

A defensora pública Arlanza Maria Rodrigues Rebello, coordenadora do Nudem (Núcleo de Defesa dos Direitos da Mulher) da Defensoria Pública do Rio de Janeiro, concorda. Ela diz considerar que o *stealthing* não seria estupro, mas “uma deslealdade do relacionamento”.

“O fato de tirar o preservativo sem a autorização da mulher, por si só, não significa que tenha ocorrido estupro porque não houve uso de violência ou ameaça para que a relação sexual fosse obtida. Seria uma deslealdade do relacionamento, como se a mulher, por exemplo, parasse de tomar pílula anticoncepcional e não avisasse ao parceiro”, explica.

Para a advogada Ana Paula Braga, sócia da Braga & Ruzzi Sociedade de

Advogadas e especialista na defesa dos direitos das mulheres, a remoção do preservativo seria, no aspecto moral, um estupro, “se formos partir da visão de que não houve consentimento quanto ao sexo desprotegido”.

Assim como outros especialistas, ela ressalva, contudo, que, no aspecto legal, esse tipo de crime só ocorre se houver “violência ou ameaça”.

“Nosso direito penal é muito específico e, ainda que a interpretação da lei tenha mudado ao longo do tempo, não poderíamos considerar o stealthing como estupro se analisarmos friamente a letra da lei. De qualquer forma, trata-se de uma violência de gênero, pois o homem coloca o prazer dele acima da saúde da parceira”, explica.

Braga diz já ter atendido uma cliente que passou pela situação, mas o caso não avançou porque os prazos legais já haviam se esgotado.

Ela acrescenta que não há jurisprudência no Brasil, tampouco estatísticas oficiais sobre o assunto.

Mas, em janeiro deste ano, um homem foi condenado por estupro na Suíça depois de remover o preservativo sem o consentimento da parceira. A Justiça entendeu que a mulher teria recusado manter a relação sexual se soubesse que estava fazendo sexo desprotegido.



*Especialistas ouvidos pela BBC Brasil não acreditam que 'stealthing' possa ser enquadrado como estupro/ Direito de imagem GETTY IMAGES*

## **Alternativas legais**

Embora acreditem que a prática não possa ser enquadrada como estupro, os especialistas afirmam que existem alternativas legais às mulheres que se sintam vítimas dessa situação.

Eles citam os artigos 130 (perigo de contato venéreo), 131 (perigo de contágio de moléstia grave) e 215 (violência sexual mediante fraude) do Código Penal brasileiro, uma vez que o sexo foi de forma desprotegida e não consensual.

Os especialistas dizem também ser possível entrar com uma ação cível, e não criminal, contra o acusado.

“Seria uma ação reparatória pelo dano causado, como, por exemplo, uma gravidez indesejada”, assinala Leal Júnior, da Defensoria Pública do Rio Grande do Sul.

## **Desafio**

Braga, da Braga & Ruzzi Sociedade de Advogadas, ressalva, contudo, que, mesmo em casos de estupro, reunir provas é um “desafio” para as mulheres.

Ela lembra que apenas 8% dos estupros se tornam efetivamente condenações.

“Crimes sexuais não deixam provas. Especialmente quando há violência psicológica. A maior parte dos estupros ocorre com um agressor que é conhecido da vítima”, diz.

“Mas isso não pode ser visto como um empecilho para as mulheres denunciarem”, conclui.

*Com reportagem de Jim Connolly, da BBC Newsbeat*



---

# Sífilis volta a ser uma epidemia no Brasil, apesar do tratamento rápido

*O GloboNews Especial mostra que, em cinco anos, casos de sífilis aumentaram em 5.000%. Médicos alertam para as consequências da doença.*

Uma doença que não escolhe idade, sexo, nem classe social. É assim que especialistas descrevem a sífilis, transmitida pela bactéria *treponema pallidum*, principalmente por via sexual, mas também da mãe para o filho, durante a gravidez. A falta de tratamento pode causar cegueira, demência e más formações, no caso de fetos. Mas infectologistas destacam que o tratamento é rápido, assim como o diagnóstico, que pode ser feito com um teste rápido, com resultado pronto em dez minutos. No caso da sífilis primária, uma única dose de penicilina benzatina intramuscular já é suficiente para a cura.

[\(Globo News, 10/04/2017 - acesse no site de origem\)](#)

O aumento dos casos da doença preocupa especialistas. O Dr. Alexandre Chieppe, subsecretário Estadual de Vigilância em Saúde, afirma que, desde 2011, vem sendo observado um aumento de casos de sífilis congênita e do número de casos na população geral. Desde o início dos anos 2000, a comunidade médica internacional já vinha alertando para o aumento do número de casos da doença. No Brasil, especialmente nos grandes centros urbanos, a infecção dava sinais de avanço rápido e preocupava as autoridades. Tanto que, em meados de 2007, a ONG do Rio de Janeiro “Centro de Educação Sexual”, junto com outros parceiros, lançou uma campanha de prevenção, estrelada por artistas como Glória Pires e o marido Orlando Moraes. E ainda a dupla Camila Pitanga e Tony Ramos.

[Clique aqui para assistir à reportagem](#)

O infectologista Gustavo Maia comenta que muitos pacientes se surpreendem com a volta de casos da doença: “Efetivamente é uma doença muito antiga, que está presente no imaginário popular, na literatura, nos filmes”. E esse fenômeno não parece ser exclusivo no Brasil. A Organização Mundial de Saúde estima que todos os dias sejam diagnosticados pelo menos um milhão de novos casos de infecções sexualmente transmissíveis por dia e, dentre elas, uma que chama muita atenção é a sífilis. Estima-se que, a cada ano, cerca de 131 milhões de pessoas são infectadas pela clamídia, 78 milhões pela gonorreia e quase seis milhões pela sífilis, sem contabilizar outras infecções sexualmente transmissíveis, como por HIV, HPV, herpes e hepatites virais.

O Dr. Francisco alerta para o aumento da sífilis congênita, sífilis gestacional e sífilis adquirida em todas as regiões do Brasil, e destaca o desconhecimento sobre a doença - não só em relação ao risco, como em relação às consequências da infecção: “Há comprometimentos muito sérios do sistema nervoso central, com doença neurológica, com quadros de demência, manifestações auditivas, oculares, com manifestações cardíacas e ósseas. É importante lembrar que não existe uma vacina. A única forma de prevenir a sífilis é através do sexo seguro”.

A população jovem de hoje, por não ter vivido tanto a epidemia de sífilis nas décadas anteriores, quanto o início da epidemia de aids, eventualmente pode estar se descuidando dos métodos de prevenção, como alerta o Dr. Alexandre Chieppe.

Dados do Ministério da Saúde revelam números preocupantes. Em 2010, foram notificados 1.249 casos de sífilis adquirida, a que se pega através da relação sexual sem camisinha. Em 2015, apenas cinco anos depois, esses números saltaram para 65.878, um aumento de mais de 5.000%.

### **Famosos que já foram vítimas da doença**

O polêmico craque do Botafogo Heleno de Freitas fez muito sucesso - no campo e fora dele - entre os anos 40 e 50 do século passado. De família abastada, formado em advocacia, mulherego, boa pinta, elegante e frequentador da alta sociedade, Heleno morreu louco, vítima de sífilis aos 39

anos, num manicômio na cidade de Barbacena, em Minas Gerais. Talvez ele tenha sido a primeira celebridade brasileira vítima dessa infecção que, no passado atingiu, entre inúmeras outras personalidades, artistas importantes como os escritores Oscar Wilde, James Joyce, Baudelaire. Os compositores Beethoven, Schumann, Schubert. Os pintores Van Gogh, Gauguin, Toulouse Lautrec. Pesquisadores afirmam que o rei francês Luiz XV e o mafioso Al Capone morreram de sífilis. E, segundo alguns historiadores, até mesmo Lenin e Hitler teriam sido vítimas da doença.

Os primeiros relatos da sífilis datam dos primórdios da idade média, quando se alastrou pela Europa, contaminando figuras importantes do clero e da nobreza. Na época, dizia-se que a infecção fatal – que posteriormente ficou conhecida como “a doença francesa” – era uma Vingança da América contra os colonizadores europeus: Colombo teria regressado para o Velho Mundo carregando nas caravelas a bactéria da nova doença.

### **Os estágios da infecção**

A sífilis pode ter três tipos de apresentação principal, como explicam a Dra. Brenda Hoagland e o Dr. Francisco de Oliveira. Na primeira fase da doença, que é a fase da lesão, muitas vezes, a úlcera desaparece espontaneamente depois de alguns dias ou semanas, levando ao paciente à falsa impressão de que ele está curado. Num segundo momento, que pode ser duas ou três semanas após a primeira lesão, surge um quadro clínico mais extenso, em que se pode ter lesões por todo o corpo, que podem muitas vezes ser confundidas com um quadro de alergia. Lesões nas palmas das mãos e nos pés também são comuns. O período contínuo, onde o paciente não tem sintomas, mas transmite a infecção, é chamado de sífilis latente. E nos quadros mais graves, que são anos de sífilis latente não diagnosticada, pode-se fazer um quadro muito grave de sífilis terciária, com manifestações neurológicas, e até alguns quadros de demência relacionados à sífilis não diagnosticada mais cedo.

### **Diagnóstico e tratamento**

O acesso ao diagnóstico é fácil e está disponível em qualquer unidade de saúde, sem nenhum custo e com rapidez, segundo o infectologista Gustavo

Maia. O resultado do teste rápido fica pronto em 10 minutos. O tratamento também é rápido e feito com penicilina, o primeiro antibiótico surgido na humanidade.

A Dra. Brenda Hoagland explica que, na sífilis primária, quando só se tem a ferida na região genital, normalmente uma dose de penicilina benzatina intramuscular já cura a pessoa. Na fase secundária, normalmente são feitas duas doses de penicilina benzatina com um intervalo de uma semana entre as duas. Já na fase latente, são oferecidas três doses.

### **Transmissão pela gravidez**

O setor de neonatologia do Hospital Leonor Mendes de Barros é referência para gestação de alto risco na zona leste da capital de São Paulo. A pediatra Luciane Mancini, diretora do setor, afirma que atende grávidas de faixas etárias e níveis sócio econômicos diversos. Ela destaca que tem reparado muito no aumento do número de gestantes adolescentes internadas com a doença. “Isso é algo preocupante, porque eu noto que essas meninas grávidas não têm nenhuma informação. Além da própria surpresa com a gravidez, elas ainda se deparam com um diagnóstico de sífilis, que é uma doença que elas nem têm ideia do que seja, do contágio, e de como se trata. Não sabem sequer os riscos que isso pode trazer para a saúde delas e do bebê”.

Nos bebês, os sintomas são diversos. Segundo a Dra. Luciane, o pior é quando atinge o sistema nervoso central. O bebê pode apresentar microcefalia. “Não só o vírus da zika é responsável pela microcefalia. A sífilis congênita também causa convulsões, malformações múltiplas, deformidades ósseas, lesões de pele e renais. Para os bebês, a sífilis congênita chega a ser fatal”, destaca a médica.

Grávidas com sífilis podem sofrer aborto espontâneo no primeiro trimestre da gestação ou terem bebês prematuros, que terão muitas dificuldades para sobreviver. Com o tratamento adequado, a grávida pode ter 100% de chance de o feto não ser afetado pela sífilis. No Brasil, a notificação da sífilis em gestantes é obrigatória desde 2005. No ano seguinte, dados do Ministério da Saúde informam que foram registrados 3.508 casos. Em 2015, menos de 10

anos depois, os números chegaram a 33.381 - um salto de quase 900%. No mesmo período, o número de bebês infectados que morreram de sífilis pulou de 67 casos em 2006 para 221 em 2015. E esses números podem ser ainda mais expressivos, porque num país de dimensões continentais a subnotificação é uma triste realidade.

---

## **Seis doenças sexualmente transmissíveis em alta entre jovens brasileiros; saiba como evitá-las**

Com cada vez mais jovens fazendo sexo de forma desprotegida, o número de ocorrências de doenças sexualmente transmissíveis tem aumentado consideravelmente no Brasil, na esteira do que já acontece no mundo.

[\(BBC, 26/02/2017 - Acesse o site de origem\)](#)

Segundo dados do Ministério da Saúde, 56,6% dos brasileiros entre 15 e 24 anos usam camisinha com parceiros eventuais.

A falta de prevenção no início da vida sexual vem preocupando o órgão, afirma Adele Schwartz Benzaken, diretora do Departamento de Infecções Sexualmente Transmissíveis, Aids e Hepatites Virais.

“Nos últimos anos, temos observado que a população mais jovem está reduzindo o uso do preservativo”, diz ela à BBC Brasil.



Ministério da Saúde constata menor uso de preservativo e maior contágio de HIV entre jovens/Reuters23

Mas é no Carnaval que as campanhas de prevenção se intensificam. Até o fim da festa, peças publicitárias do governo estarão em TVs, revistas e redes sociais propagando o slogan “No carnaval, use camisinha - e viva essa grande festa!”.

As campanhas miram, sobretudo, o alto número de pessoas no Brasil que têm HIV mas ainda não sabem - aproximadamente 112 mil brasileiros - e os cerca de 260 mil que vivem com o vírus mas ainda não se tratam, aumentando o risco de propagação da doença.

Apesar de o principal foco continuar sendo a prevenção de HIV/Aids, especialistas alertam para o risco de propagação de outras doenças, como HPV, herpes genital, gonorreia, hepatite B e C e, especialmente, sífilis.

Saiba mais sobre cada doença abaixo. Todas podem ser evitadas com o uso do preservativo.

## **HIV/Aids**

O vírus da imunodeficiência humana é o causador da Aids, que ataca o

sistema imunológico e derruba o sistema de defesa do organismo.

No Brasil, a epidemia de HIV/Aids é considerada estabilizada, mas vem avançando entre os mais jovens.

Na última década, o índice de contágio mais que dobrou entre jovens de 15 a 19 anos, passando de 2,8 casos por 100 mil habitantes para 5,8 casos.

Também aumentou na faixa etária entre 20 a 24 anos, chegando a 21,8 casos a cada 100 mil habitantes.

“Isso mostra que nossa população jovem está mais vulnerável ao HIV e precisa acessar mais conhecimento e os serviços de saúde para se testar”, afirma a infectologista Brenda Hoagland, pesquisadora do Laboratório de Pesquisa Clínica em DST e AIDS do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz).

“Como a nova geração não assistiu à epidemia quando o HIV ainda não tinha tratamento, é possível que não tenha uma percepção sobre a gravidade do HIV, o que aumenta nossa responsabilidade de informar sobre sobre riscos e prevenção”, acrescenta ela.



Governo quer distribuir 74 milhões preservativos masculinos e 3,1 milhões femininos no Carnaval/ AFP

Atualmente, cerca de 827 mil pessoas vivem com o HIV no país, e aproximadamente 112 mil brasileiros têm o vírus, mas não o sabem.

O tratamento contínuo ao HIV pode controlar a doença, garantir a sobrevivência dos infectados e tornar o vírus indetectável (o que equivale a prevenir a transmissão com uma segurança de 96%). Mas não pode curá-la. O teste rápido costuma detectar a infecção cerca de 15 dias após o contágio.

As campanhas costumam focar no uso da camisinha como método de prevenção, mas é essencial conhecer também a proteção disponível para casos de relação de risco desprotegidas, frisa Brenda – a chamada profilaxia pós-exposição, ou PEP, um conjunto de medicamentos contra o HIV que devem ser ingeridos por 28 dias no período imediatamente após o possível contágio.

“Se uma pessoa teve uma relação sexual desprotegida em que suspeite de risco para o HIV, ela deve procurar um serviço de saúde até no máximo 72 horas após a relação. Ou seja, se a camisinha rompeu ou deixou de ser usada, a pessoa pode buscar o atendimento numa emergência e o serviço é gratuito”, ressalta a infectologista, acrescentando que quanto mais cedo se inicia o tratamento dentro dessas 72 horas, maiores suas chances de eficácia.

## Sífilis

Transmitida pela bactéria *Treponema pallidum*, a infecção apresenta diferentes estágios, do primário ao terciário, e tem maior potencial de infecção nas duas primeiras fases, que costumam ocorrer até 40 dias após o contágio. É transmitida por relações sexuais ou pode ser passada da gestante para o bebê.

“A sífilis congênita, que é notificada compulsoriamente no Ministério da Saúde, é transmitida de mãe para filho e teve aumento de quase 200% ao longo dos últimos dois anos”, alerta a infectologista Brenda Hoagland, do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz).

Os sintomas são feridas na região genital (na fase primária) e manchas no corpo que sugerem uma alergia (na fase secundária). O tratamento da



doença é gratuito na rede pública, feito com penicilina.



Ministério da Saúde aponta aumento de quase 200% em casos de sífilis congênita nos últimos dois anos/ AG Brasil

O problema é que os sintomas podem se curar sozinhos e passar despercebidos.

“O fato de uma pessoa não ter mais sintomas não significa que esteja curada. Esse é o grande problema e faz com que o diagnóstico esteja muito abaixo do necessário”, avisa Brenda.

A sífilis terciária pode aparecer de dois a quarenta anos após o início da infecção, podendo causar lesões neurológicas, cardiovasculares e levar à morte.

“Pessoas com vida sexual ativa e que tenham relações desprotegidas devem fazer o teste para a sífilis independentemente dos sintomas, da mesma forma que devem fazer testes para o HIV e serem vacinadas contra Hepatite B”, recomenda Brenda, lembrando que a sífilis aumenta o risco de infecção por HIV.

O acompanhamento da gestante no pré-natal também é fundamental para evitar a transmissão da doença para o bebê.

A sífilis pode levar à má-formação do feto, surdez, cegueira e deficiência mental.

## HPV

O Papilomavírus Humano existe com mais de 200 variações e se manifesta por meio de formações verrugosas – que podem aparecer no pênis, vulva, vagina, ânus, colo do útero, boca ou garganta.

O sexo é a principal forma de transmissão do HPV, seja pelo coito ou pelo sexo oral.

O HPV é uma preocupação grave de saúde pública pelo potencial de alguns tipos do vírus causarem câncer, principalmente no colo do útero e no ânus, mas também na boca e na garganta, que vêm aumentando entre os jovens.

O vírus pode ficar latente por períodos prolongados sem que haja sintomas, e é difícil erradicar a infecção por completo.

Por isso, especialistas recomendam que mulheres em idade reprodutiva façam exames preventivos anuais no colo do útero para monitorar o aparecimento de possíveis lesões que antecedem o câncer e que podem ser tratadas.



Apenas 56,6% dos jovens brasileiros usam camisinha com parceiros eventuais/ AFP

A infectologista Brenda Hoagland, do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz), estende a recomendação a homens que fazem sexo anal desprotegido, e devem fazer exames preventivos na região anal e no reto.

No fim do ano passado, o Ministério da Saúde anunciou que a vacina quadrivalente que protege contra quatro tipos de HPV passaria a ser oferecida também para meninos, na faixa de 12 a 13 anos. Até agora, a vacina só era disponibilizada para meninas de 9 a 13 anos.

## **Gonorreia**

A doença é causada pela bactéria *Neisseria gonorrhoeae*, que infecta sobretudo a uretra.

O sintoma mais comum é a presença de corrimento na região genital, mas a infecção pode causar dor ou ardor ao urinar, dor ou sangramento na relação sexual e, nos homens, dor nos testículos. A maioria das mulheres infectadas não apresenta sintomas.

O tratamento é feito com antibiótico e deve ser estendido ao parceiro, mesmo que este não tenha sintomas.

Quando não tratada, a infecção pode atingir vários órgãos, como o testículo, nos homens, e o útero e as trompas, nas mulheres, e pode causar infertilidade e complicações graves.

## **Herpes genital**

Transmitido pela relação sexual com uma pessoa infectada, o vírus do herpes causa pequenas bolhas e lesões dolorosas na região genital masculina e feminina.

As feridas podem acompanhar ardor, coceira, dor ao urinar e mesmo febre, e

os sintomas podem reaparecer ou se prolongar quando a imunidade está baixa.

“O herpes não tem cura. A partir do momento que você tem uma infecção, você ter vários episódios ao longo da vida. A única forma de prevenção é o preservativo”, ressalta a infectologista Brenda Hoagland, da Fiocruz.



Hoje, cerca de 827 mil pessoas vivem com HIV no Brasil e cerca de 112 mil brasileiros têm vírus mas não sabem

Além do incômodo causado pelas lesões, o herpes pode facilitar a entrada das outras doenças sexualmente transmissíveis.

Os portadores do vírus devem ter cuidado redobrado para não transmiti-lo, o que ocorre principalmente quando as feridas estão presentes, mas pode também ocorrer na ausência das lesões ou quando elas já estão cicatrizadas.

A doença pode ter consequências graves durante a gravidez, podendo provocar aborto e trazer sérios riscos para o bebê.

## **Hepatite B ou C**

No Brasil, as formas virais mais comuns de hepatite ou inflamação do fígado são as causadas pelos vírus A, B ou C.

A hepatite B é transmitida sexualmente, e também por transfusão de sangue e compartilhamento de material para uso de drogas, entre outros.

As mesmas formas valem para a hepatite C, mas a transmissão sexual é mais rara, por isso, ela não é considerada propriamente uma infecção sexualmente transmissível.

De acordo com o Ministério da Saúde, milhões de brasileiros são portadores dos vírus B ou C e não sabem.

Correm, assim, o risco de desenvolver a doença crônica e ter graves danos ao fígado, como cirrose e câncer.

A vacina contra a hepatite B é gratuita e disponível na rede pública. O diagnóstico é feito por meio de exame de sangue e o tratamento pode combinar medicamentos e corte de bebidas alcoólicas.

Os sintomas para ambas as doenças são raros, mas podem incluir cansaço, tontura, enjoo e pele e olhos amarelados.

Como a doença é considerada “silenciosa”, é indicado realizar exames de rotina que detectam todas as suas formas.

Ainda não há vacina para a hepatite C.

---

## **Ministério da Saúde publica portaria autorizando repasse de verbas para combate ao HIV**

**(Agência Aids, 07/07/2014)** Foi publicada no “Diário Oficial da União” de sexta-feira (4) a portaria do Ministério da Saúde autorizando o repasse aos estados e municípios de incentivo financeiro de custeio às ações de combate

às DST/aids e hepatites virais. A verba estava atrasada havia seis meses. Por conta disso, A Articulação Nacional de Luta Contra Aids (An aids) enviou carta ao secretário de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde, Jarbas Barbosa, cobrando explicações ([leia aqui](#)).

***Leia mais:*** [OMS recomenda que todos os homens que fazem sexo com homens tomem antirretrovirais \(O Globo, 12/07/2014\)](#)



Rodrigo Pinheiro, da secretaria política da An aids e presidente do Fórum de Ongs/Aids do Estado de São Paulo (Foaesp) se disse aliviado com a publicação da portaria. “Agora, esperamos que não demorem a começar a fazer o repasse financeiro”, continuou. “E ainda continuamos sem saber o motivo de tamanho atraso.”

O artigo 6º da portaria, de número 1.390, diz que ela entra em vigor na data de sua publicação, com efeitos financeiros vigentes a partir de janeiro de 2014.

Acesse o site de origem: [Ministério da Saúde publica portaria autorizando repasse de verbas para combate ao HIV](#)

---

# Menos da metade dos paulistanos usou preservativo na última relação sexual, por Jairo Bouer

**(O Estado de S. Paulo, 06/07/2014)** Estudo divulgado pela Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo, no fim do mês passado, mostrou que menos da metade dos paulistanos usou camisinha em sua última relação sexual. A pesquisa domiciliar, realizada entre 2013 e 2014, entrevistou mais de 4.300 pessoas, de 15 a 64 anos.

Outro dado importante do levantamento mostra que, entre os que já tinham feito sexo, apenas 39% usaram camisinha em sua primeira relação sexual. Apesar da amostragem também ter incluído quem está em relações estáveis, além de pessoas mais velhas, que podem ter iniciado a vida sexual ainda antes da existência da aids no Brasil, os números chamam a atenção.

Depois de sucessivas campanhas de prevenção ao vírus HIV e do trabalho habitual desse tema nas escolas, o uso da camisinha na primeira relação sexual, no Brasil, tem girado em torno dos 70%, segundo uma série de pesquisas anteriores. Mas, nos últimos anos, especialistas apontam uma queda, tanto no uso inicial, como no uso consistente de preservativos, entre os mais jovens.

Análise de parte dos dados de um estudo divulgado no começo do ano pela Unifesp (II Lenad), com quase 1.800 jovens de 14 a 25 anos, mostrou que cerca de 30% dos garotos e 40% das garotas não usam camisinha nunca, ou quase nunca, em suas relações sexuais.

O fenômeno não é exclusivamente brasileiro. Segundo os últimos dados da pesquisa de comportamentos de risco dos jovens do Centro de Controle de Doenças (CDC), de Atlanta, nos Estados Unidos, a quantidade de jovens sexualmente ativos que usa camisinha caiu na última década.

Em 2013, 59% dos alunos de ensino médio que fizeram sexo nos três meses anteriores à pesquisa tinham usado camisinha em seu último encontro. Em 2003, esse número era de 63%. Na década anterior, entre 1993 e 2003, o uso de preservativo entre os jovens americanos havia crescido de forma importante.

Várias causas têm sido levantadas como responsáveis por esse fenômeno. Entre elas: menor percepção de risco do HIV entre os mais jovens, afastamento das fases mais críticas da doença, crença na proximidade de uma cura ou de uma vacina, maior uso de álcool e drogas, questões de autoestima, dificuldade de incorporação dos conceitos de “proteção” e “cuidado” ao universo emocional dos mais novos, programas insatisfatórios de prevenção nas escolas, falta de diálogo com pais e professores, entre outros.

## **Tecnologia**

O mesmo estudo do CDC, tendo como recorte apenas 1.300 alunos, de 10 a 15 anos, de Los Angeles, mostrou que aqueles que mandam mais de cem mensagens de texto por dia têm mais possibilidade de já estarem fazendo sexo. Além disso, os que estão envolvidos em “sexting” (mandar ou receber mensagens e imagens com conteúdo erótico) teriam seis vezes mais chance de serem sexualmente ativos. Os dados foram publicados na edição deste mês da revista médica *Pediatrics* e divulgados pelo jornal britânico *Daily Mail* na semana passada.

Para os especialistas, como as crianças estão ganhando dos seus pais celulares multifuncionais cada vez mais cedo, seria importante discutir com elas a associação das mensagens com a questão da sexualidade precoce. E precocidade, já se sabe, aumenta os comportamentos de riscos no sexo, como usar menos camisinha.

Curiosamente, a pesquisa americana colide com outra, divulgada recentemente pelo Departamento Federal de Saúde da Austrália, que entrevistou 2.100 crianças de mais de 400 escolas daquele país. Segundo os dados, apesar do alto número de adolescentes que mandam e recebem textos e imagens eletrônicos com conteúdo sexual explícito, a vida sexual naquele



país estaria começando mais tarde.

Os pesquisadores australianos enxergaram no “sexting” muito mais um fenômeno geracional, de ensaio de namoros e de espaço de encontros, do que de um fator de risco para o sexo precoce e generalizado. Bom exemplo de como nas pesquisas de comportamento, muitas vezes, os resultados são absolutamente contraditórios. Na dúvida, celular inteligente na mão das crianças só com muito papo sobre limites e riscos como, aliás, quase tudo na vida deles, certo?

*\*Jairo Bouer é psiquiatra*

Acesse o PDF: [Sexo, camisinha e celular, por Jairo Bouer](#)

---

## **SMS e Sesau enfrentam crescimento da Aids entre mulheres**

**(Tribuna Hoje, 02/07/2014)** A Secretaria Municipal de Saúde (SMS), em parceria com as secretarias Estadual de Saúde (Sesau) e da Mulher, da Cidadania e dos Direitos Humanos, realizou no início desta semana um encontro para discutir a realização do “Projeto Mulheres em Ação na Diversidade”. O plano para ser construído precisa de três metas específicas: a realização de campanha de enfrentamento à feminilização da Aids, geodiagnóstico da prostituição em Alagoas, e formação em protagonismo social, prevenção as DSTs/Aids e redução de danos .

A primeira meta, a realização da “Campanha de Enfrentamento à

Feminilização da Aids - Ação Mulher, sentiu tesão camisinha na mão!” tem como método a abordagem em dezessete pontos diferentes, como mercados e feiras, utilização de carro de som, rádios comunitárias e ainda performances em atrações culturais, levando informação sobre as formas de se contrair a Aids. Para isso serão disponibilizados profissionais de saúde que possam, nessas ocasiões, realizar o teste rápido (que identifica por meio de uma furada no dedo se a pessoa é portadoras do vírus HIV, se tem Aids, Hepatite B e C ou Sífilis).

Para a segunda meta, o geodiagnóstico da prostituição em Alagoas, será necessário mapear os estabelecimentos, ruas e avenidas que são tomadas como referência para o exercício da prostituição em sete municípios: Arapiraca, Coruripe, Delmiro Gouveia, Maceió, Maragogi, São Miguel dos Campos e União dos Palmares.

Nessas cidades será identificado o perfil sócio-cultural das mulheres que exercem o ofício da prostituição. Também serão identificadas as demandas das mulheres profissionais do sexo relacionadas às questões de saúde e violência.

O instrumento utilizado para a realização dessa meta será por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), questionário estruturado, entrevista semi-estruturada, termo de autorização de exibição de imagem, e ficha do cadastro de estabelecimento. O método de análise será quantitativo e qualitativo.

SMS e Sesau são responsáveis pelos sete municípios, realizando o acolhimento da equipe técnica e também dos técnicos para colaborar nesse geodiano. As Organizações Não Governamentais, sociedade civil e profissional do sexo serão colaboradores dessa meta. A equipe do Consultório na Rua também participará do mapeamento e abordagem.

A terceira meta, formação em protagonismo social, prevenção às DSTs/Aids e redução de danos tem como estratégia a realização de seis oficinas para mulheres em situação de vulnerabilidade social e duas oficinas para mulheres e Lésbicas, Bissexuais e Travestis (LBTs), vivendo com sorologia positiva.

Após essa etapa, acontecerá um seminário, que será realizado em Maceió, para noventa mulheres que se destacaram com potencial em liderança durante as oficinas. O próximo encontro será realizado na segunda quinzena deste mês, com data e local ainda a serem confirmados.

Acesse o PDF: [SMS e Sesau enfrentam crescimento da Aids entre mulheres](#)

---

## **Notificação de casos de HIV positivo passa a ser obrigatória**

**(Folha de S.Paulo, 18/06/2014)** O governo tornou obrigatória a notificação dos casos de infecção pelo vírus HIV, antecipando o momento em que essas pessoas entram na contabilidade nacional.

A mudança foi anunciada em 2012 e publicada em portaria na semana passada.

Até então, os serviços de saúde tinham que fazer a notificação dos casos de Aids, ou seja, após a manifestação da doença com o comprometimento do sistema imune. Também já era obrigatório informar casos de HIV em gestantes e em recém-nascidos.

Alguns Estados já contavam os casos de HIV, e o governo também dispunha de informações sobre o número de pessoas que estavam vinculadas a serviços públicos de saúde para acompanhar a infecção. Não havia, porém, o registro nacional.

Segundo Jarbas Barbosa, secretário de vigilância em saúde do Ministério da Saúde, o objetivo é alinhar os registros à nova política de oferecer o

tratamento desde o diagnóstico do HIV, independentemente da contagem de células de defesa CD4.

Barbosa estima que o número de novas notificações pode chegar a 100 mil em um ano, incluindo aí os 39 mil novos casos de Aids esperados, seguindo a tendência dos anos anteriores.

Acesse o PDF: [Notificação de casos de HIV positivo passa a ser obrigatória](#)

---

# **Aids avança sobre jovens homossexuais, pobres e mulheres, aponta movimento LGBT**

**(Agência Câmara Notícias, 06/06/2014)** Representantes do movimento LGBT chamaram atenção para o atual perfil epidemiológico da aids no Brasil durante o 11º Seminário LGBT do Congresso Nacional. Para o deputado Jean Wyllis (Psol-RJ), a infecção avança sobre homens jovens homossexuais, pessoas pobres, mulheres e em regiões do interior do País.

“A aids se juvenizou. E desses jovens infectados pelo HIV, a população de homens jovens gays, voltou a ser o grupo vítima preferencial”, disse Wyllis, que participa das frentes parlamentares em Defesa dos Direitos Humanos, de Enfrentamento às DST/HIV/Aids e pela Cidadania LGBT.

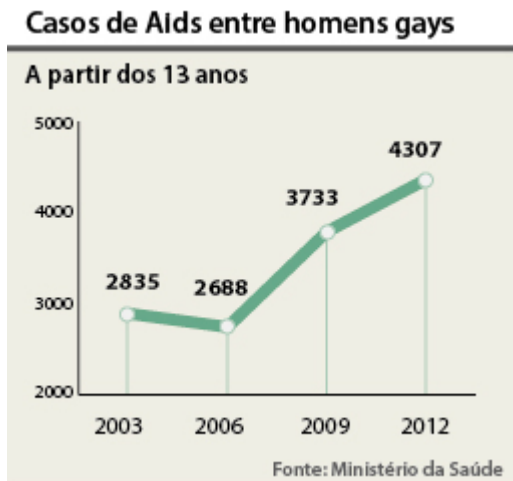


Jean Wyllys condenou o discurso que coloca a aids como castigo para homossexuais.  
Foto: TV CÂMARA

Em audiência na Comissão de Fiscalização e Controle da Câmara dos Deputados, o ministro da Saúde, Arthur Chioro, reconheceu que o aumento do número de casos de aids entre homens que têm relações sexuais com outros homens tem se mostrado preocupante nos últimos 10 anos. “São as áreas que a gente observa tendência de crescimento”, apontou Chioro.

Jean Wyllys ainda condenou, no entanto, o discurso que coloca a aids como castigo aos homossexuais e ressaltou o aumento de casos entre mulheres. “Temos a feminilização da doença. No início da epidemia eram 30 homens infectados para cada mulher. Hoje essa proporção é de 1 para 1.” O deputado criticou a atuação do Ministério Saúde, diante das evidências desse perfil epidemiológico do País.

## **Tendência diferente**



Representando o Ministério da Saúde, Ivo Brito discordou da visão que aponta como tendências atuais o contágio de jovens, de mulheres e da população do interior do País. Para ele, essa é uma tendência que já marcou os anos 90 e a primeira década do século 21. “Nossos dados mostram outra tendência”, disse Brito.

Com relação ao aumento proporcional da infecção de mulheres, ele disse que, isolando-se homens e mulheres na estatística, verifica-se um aumento maior da epidemia entre homens jovens. Brito acrescentou ainda que a epidemia cresce também entre segmentos com maior escolaridade. “Ou seja, diferente do que ocorria na década de 90.”

O desafio, segundo ele, é pensar em políticas públicas focadas nos grupos de risco sem criar um efeito bumerangue, ou seja, incentivando ainda mais a marginalização e a discriminação desses grupos sociais, como a comunidade LGBT.

## **Desigualdade**

Para o presidente Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia), Richard Parker, a determinante fundamental da epidemia de aids é a desigualdade. “É onde a desigualdade é mais forte, onde um eixo de desigualdade, do tipo pobreza, cruza com outro, desigualdade de gênero, que você tem um maior impacto da epidemia. A sinergia entre essas forças de desigualdade cria uma maior vulnerabilidade”, sustentou.

Ex-diretor adjunto do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais do

Ministério da Saúde, Eduardo Barbosa, hoje afirma que, além de terem perdido força, as campanhas muitas vezes não chegam aos públicos-alvo. Para ele, à medida que a questão da vulnerabilidade foi acentuada no discurso, o risco maior de infecção de algumas comunidades foi sendo esquecido. “Hoje se fala em vulnerabilidade como se todos fossem igualmente vulneráveis, homens, mulheres. Mas a epidemia está pegando é gay”, disse Barbosa, que coordena o Centro de Referência e Defesa da Diversidade de São Paulo.

Apesar de considerar importante reconhecer que a aids não tem cara, cor, classe social, ou orientação sexual, Parker concorda que a Aids não é uma epidemia igualitária ou democrática. “Nem todas as pessoas enfrentam os mesmos riscos frente à epidemia de aids. Os grupos populacionais não existem na mesma situação”, disse. Para Parker, a atual fase da epidemia, denominada por ele como “estigma e discriminação” é talvez a mais difícil de ser vencida.

Acesse o site de origem: [Aids avança sobre jovens homossexuais, pobres e mulheres, aponta movimento LGBT](#)

---

## **Dilma sanciona lei que torna crime discriminar pessoas com Aids**

**(Portal G1, 03/06/2014)** A presidente Dilma Rousseff sancionou nesta segunda-feira (2) projeto de lei aprovado pelo Congresso Nacional que torna crime a discriminação contra portadores do vírus HIV e doentes da Aids. A

nova norma, publicada na edição desta terça (3) do “Diário Oficial da União”, prevê prisão de um a quatro anos para autores de atos de preconceito contra os soropositivos.

De autoria da ex-senadora Serys Slhessarenko (PT-MT), a Lei nº 12.984 determina, por exemplo, que será considerado crime recusar, cancelar ou impedir as matrículas em qualquer instituição de ensino, incluindo creches, de portadores do HIV e doentes de Aids.

A nova legislação, que estava em discussão no Legislativo desde 2003, também criminaliza negar trabalho, exonerar ou demitir de seu cargo ou emprego e isolar os doentes no ambiente profissional. A divulgação da condição de soropositivo com o objetivo de ofender a “dignidade” é outro ato que passa a ser passível de prisão, assim como recusar ou retardar atendimento de saúde.

Acesse o site de origem: [Dilma sanciona lei que torna crime discriminar pessoas com Aids](#)